

TRIMEMBRAÇÃO SOCIAL – sociedade orgânica, transcendendo direita e esquerda

WESLEY ARAGÃO DE MORAES

INTRODUÇÃO

A sociedade está doente, e o ser humano fica à deriva de movimentos de massa que abafam a consciência e sujeitam as pessoas a condições e doutrinas que não condizem com suas essenciais aspirações pela liberdade verdadeira, igualdade nos deveres e direitos e fraternidade nos recursos abundantes que a terra oferece para quem trabalha.

Uma sociedade muda quando seus integrantes mudam, crescem, evoluem, adquirem consciência, e mudam a sociedade. A história já comprovou repetidamente, que movimentos políticos que impõem de cima para baixo raramente promovem, pelo menos por tempo mais prolongado, a tão desejada paz e prosperidade social. Teoria alguma tem utilidade quando não posta em prática. Uma condição fundamental falta. Qual é essa condição?

Líderes visionários, que vivem aquilo que pregam, são unânimes em afirmar que a base para a mudança na sociedade é a Educação. E educação verdadeira é aquela em que os educadores: pais, professores, dirigentes responsáveis por instituições, montam um ambiente acolhedor e incentivador para que as virtudes trazidas pelo ser humano em formação tenham espaço e alimento para vicejarem.

O processo educativo não cessa com a maioria da pessoa. A partir daí, o adulto se responsabiliza por seu próprio aprendizado. Pela autoeducação e troca rica e generosa entre as pessoas, tanto em ambientes culturais quanto nos ambientes de trabalho, os membros da sociedade vão adquirindo conhecimento e competências para promover uma vida melhor para todos. E os dirigentes, tanto das instituições quanto das empresas,

percebem que seus cargos são de serviço aos outros, e não de autopromoção, vantagens e poder. O processo educativo dessa natureza cura o ser humano do egoísmo, uma forma de cegueira que começa com a destruição do outro e acaba em autodestruição.

A tensão gerada pelas polaridades de direita e esquerda leva à infelicidade, às guerras, como a história têm demonstrado profusamente. É como um cabo de guerra puxado por dois grupos. Ora um ganha, ora outro, acontece um enorme dispêndio de energia, mas não se sai do lugar. Um terceiro ponto é necessário, ou até um quarto.

Você, leitor, pode ler cada capítulo desse livro independentemente dos outros, como pontos de vista para diversos âmbitos da cultura, da história, da filosofia, da arte. Cada “dose” de remédio serve para incentivar você a buscar mais, para você desvencilhar-se de seus preconceitos, permitir-se romper suas limitações e ampliar sua visão.

Trimembração Social é uma proposta para o futuro, pois o ser humano precisa antes ser educado para entendê-la e praticá-la. Alguns poucos já a praticam na sua vida pessoal como também nos seus ambientes de trabalho e de vida cultural. Quando você encontra uma pessoa assim, você a sente como um sol, que dá, aquece e reúne à sua volta aqueles que querem se abrir para ver, sentir e fazer.

Júlia Bárány

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”

Nelson Mandela

TRIMEMBRAÇÃO SOCIAL PARA PESSOAS LEIGAS – UM RESUMO

1. Trimembração Social é uma terceira forma de ver como uma sociedade humana funciona melhor, para além do capitalismo e para além do socialismo. Não é um nem outro.

2. Tem do socialismo a preocupação com as questões sociais. Mas enquanto no socialismo você é obrigado pelo Estado a doar para ele, e dele para o povo, na Trimembração não há obrigação de nada, o indivíduo exerce a sua fraternidade livremente porque quer e se entende com os outros indivíduos e com os consumidores (economia fraterna não imposta).

3. Tem do capitalismo a preocupação com a liberdade do indivíduo, inclusive a livre iniciativa (coisa que é suprimida no socialismo em prol da igualdade econômica de todos).

4. Denomina-se Trimembração Social porque compreende a sociedade como um organismo vivo constituído de três esferas: 1) economia (onde deve haver a livre fraternidade), 2) cultura (deve haver total liberdade de credo, de etnia, de costumes e de comportamentos, arte, escola, etc.). 3) Leis e Normas, onde deve existir um Estado democrático que legisla e fiscaliza, mas não interfere na autonomia econômica nem cultural dos indivíduos. Esse é o ternário: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

TRIMEMBRAÇÃO SOCIAL (TS) E HARMONIA PLANETÁRIA: AS

ORIGENS

Rudolf Steiner relata, em uma de suas palestras, que tinha sido convidado por um sindicato cujo diretório era marxista, em Stuttgart, na época da Primeira Guerra, para dar palestras para os operários sindicalizados. Essas palestras eram muito concorridas. Mas, relata Steiner, a cúpula do sindicato começou a se incomodar pelo fato de que Steiner não fazia apologia de Karl Marx, mas apresentava ideias estranhas ao marxismo em suas palestras para os operários. Steiner já apresentava, na verdade, a Trimembração Social, a percepção viva de como uma sociedade humana sadia deve funcionar. Esta percepção, dizia Steiner, diferente do capitalismo e do socialismo, não é uma ideologia, mas resulta de um *gesunder Menschenverstand* (sadia noção do ser humano, ou seja, bom senso): Liberdade na vida cultural, Fraternidade na vida econômica, Igualdade na vida normativa. A percepção de uma sociedade sadia e orgânica, funcionando assim, Steiner intuía a partir da noção de Goethe de um organismo trimembrado: percepção, afeto e atividade. Toda sociedade é um organismo vivo coletivo e, portanto, como qualquer organismo, um enorme ser trimembrado. Os desequilíbrios sociais são como doenças num organismo menor. E uma das doenças – mencionada por Steiner aos trabalhadores – era a desigualdade econômica, criada pela falta da Fraternidade. E a outra doença era a guerra, criada pelo egoísmo coletivo. Steiner estava profundamente preocupado com a guerra mundial em andamento, por um lado, e com as notícias sangrentas da Revolução na Rússia, por outro lado. Essas considerações de Steiner não agradaram à cúpula marxista do sindicato. Ele conta que passou a ser observado e numa das palestras um sindicalizado pediu a palavra e considerou que era muito bonito o que Steiner dizia, mas o mundo só iria melhorar quando o Camarada Lenin espalhasse pelos países a revolução bolchevista. Steiner observou que tal tipo de pensamento ideologizado, seja de esquerda ou de direita, impede que o ser humano consiga

compreender e visualizar a organicidade arquetípica, que não é ideológica, da Trimembração Social. Finalmente, relata Steiner, os líderes do sindicato o impediram de continuar suas aulas.

Steiner então foi convidado pelo empresário Emil Molt a continuar suas palestras para os operários da sua fábrica de cigarros, denominada Waldorf. Foi a partir do apoio desse empresário idealista que Steiner pôde fundar, logo depois, a Associação para a Trimembração Social e, posteriormente, a primeira Escola Waldorf, onde ele acreditava ser possível que professores e alunos e pais vivenciassem no ambiente pedagógico a trimembração social.

Em 1918, um ano após a Revolução Russa, e no final da Primeira Guerra Mundial, Rudolf Steiner estava reunido em torno de algumas dezenas de pessoas, professores, escritores, funcionários públicos, empresários, artistas – nem todas elas ligadas à Antroposofia – formando uma Associação para divulgação da Trimembração Social. Surgiu numa das reuniões desse grupo a ideia de se levar algo escrito, uma espécie de resumo da TS para autoridades políticas envolvidas na conflagração ainda em andamento na Europa. A intenção, como dissera Steiner, era a de se evitar, de uma vez por todas, que novos conflitos mundiais ocorressem e também fazer ventilar entre os povos da Europa uma nova forma de dinâmica social que, quem sabe, contribuísse para a Paz e a boa convivência. Entre as pessoas do grupo havia um homem ligado ao Kaiser da Alemanha, Ludiwig Polzer-Hoditz. Ele se encarregou de levar um esboço escrito por Steiner ao Kaiser alemão e também ao Kaiser da Áustria-Hungria. Mas essa via não foi bem sucedida, não houve interesse. Steiner então concluiu que não chegara a hora. A Associação foi dissolvida em 1921 e ele concentrou todo o seu empenho na Escola Waldorf, a primeira delas, em Stuttgart, como locus para a realização da Trimembração Social. O motivo fundamental do professor Waldorf seria o de ensinar, viver e realizar a TS na Escola, para que assim novas e novas gerações de seres

humanos fossem educadas a partir desta percepção de como funciona uma sociedade humana sadia, fraterna e harmônica. Postulou Steiner uma frase que seria perfeita para educadores como Tolstói ou Gandhi: “A função do educador é formar seres humanos livres, capazes de encontrar por si mesmos diretrizes em suas vidas”. O educador deve formar jovens conscientes, mas sem condicionamentos ideológicos de esquerda ou de direita; essas visões são unilaterais.

A consciência planetária

Rudolf Steiner chegou a afirmar que a consciência da organicidade arquetípica da TS seria capaz de anular o impulso destrutivo do ego coletivo humano que causa as guerras e os atritos entre diferentes povos. A TS seria um bálsamo tanto para questões individuais, entre o Ego e o Coletivo, quanto em questões de pequenos grupos, quanto ainda em questões internacionais. Nesse sentido, Steiner assume uma postura ombro a ombro com os grandes pacifistas da Terra. E muito da sua percepção vai ao encontro das percepções de homens como Leon Tolstói e Mahatma Gandhi. Em 1920, nos Estados Unidos, admiradores da Trimembração Social fundaram um centro chamado *Threefold Center*, no qual os alunos realizavam estudos e práticas de arte, cultura, agricultura e educação básica. Logo, apareceram outros centros trimembrados em escolas e instituições culturais. Em 1931, na Holanda, Bernard Lievogoed, seguidor de Steiner, funda a primeira Escola Waldorf gratuita, preocupado com as questões sociais em seu país. Com o término da Primeira Guerra, a proposta da Liga das Nações foi aceita, criada pelo americano Woodrow Wilson. A proposta era em si razoável, mas Steiner, e economistas como John Keynes, perceberam que o plano internacional assim criado brevemente faria estourar uma nova guerra; havia um desequilíbrio oculto no plano. E veio, de fato, a Segunda Guerra Mundial. Durante a Segunda Guerra, grande parte do impulso de TS foi apagada do mapa, na Europa. Após a Guerra, as polaridades

direita e esquerda dividiram o mundo em dois, com o surgimento da guerra fria entre os dois blocos. A unilateralidade de cada um, sem a percepção orgânica trimembrada, causou enorme prejuízo de vidas, na economia e na espiritualidade da humanidade moderna.

Nos anos 1970, começam a serem criados os primeiros Bancos Éticos, inspirados na Trimembração Social, em vários países da Europa. O primeiro deles foi o Banco de Bochum, na Alemanha. Hoje existe uma dúzia ou mais deles. Esses bancos não visam ao lucro, como um banco normal, mas ao ativismo social, ecológico e planetário. A ideia se assemelha à dos Bancos Humanitários propostos nos anos 1920 por John Keynes, inspirador do BIRD, para a reconstrução da Europa destruída pela Guerra, que também inspirou no Brasil a criação do BNDS e a Previdência, criados por Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

A Consciência Planetária, que inspira a Trimembração Social, parte da noção de que todos os seres humanos, todos os povos da Terra, têm entre si mais em comum do que diferenças. O ponto em comum é o fato de todo ser humano ser um Eu divino encarnado em um Ego e em um povo. Os anseios humanos são os mesmos, porque todos somos seres espirituais em evolução no Planeta, e unidos aos outros seres não humanos, num grande projeto ascendente de consciência. Steiner dizia que a Terra não tem dono (como diria um indígena), no máximo pode ter um proprietário. O proprietário é o guardião da Terra, mas não seu dono. O que um guardião da Terra pode realizar nela deveria ser decidido por uma Associação de outros guardiões da Terra, com consciência ambiental e respeito a todas as formas de vida, não visando apenas o lucro pessoal.

Cada povo é como um guardião da Terra em escala maior. E dentro da consciência de Todo, cada qual gerencia uma parte consciente de que há outras partes desse Todo, todas conectadas. Outros povos, outras comunidades humanas, outros guardiões da Terra, são irmanados pela consciência de que todos somos Um, embora

diferentes. Cada povo deve ter a sua livre expressão espiritual e cultural, sua etnia, profundamente respeitada pelos demais. É a esfera da Liberdade. Cada povo deve ver que seus direitos humanos e seus deveres humanos não se sobrepõem aos direitos e deveres de outros povos: a Igualdade. E cada povo da Terra não é isoladamente melhor nem pior do que os demais; são todos os povos irmãos de uma mesma família, de uma mesma casa, também irmãos das outras espécies do Planeta.

“É o espiritual-cultural o que une a humanidade: cada indivíduo compreende que tem a mesma essência em si da de outro indivíduo, mesmo que vivam em povos distintos. Isto cria uma dinâmica econômica, a partir deste reconhecimento.”¹

¹ Steiner, Rudolf. *Futuro social, O. Antroposófica*, esgotado.

A DESIGUALDADE HUMANA E A JUSTIÇA

Para a visão materialista comum, todos os seres humanos são iguais. Mas, para a visão oculta das diversas tradições do Planeta, a humanidade é inteira e imensamente desigual.

Os raciocínios se prolongam: se todos os seres humanos são iguais, todos deveriam ter um mesmo padrão de vida, mesmo ganhos, e todos deveriam ter direito à livre expressão. Tanto o pensamento de direita quanto o de esquerda, ambos frutos do materialismo da era iluminista, pensam da mesma forma. O liberalismo iluminista que gerou a direita pensa que todos somos iguais e as diferenças são apenas no tocante à capacidade de ganhar dinheiro, uns com maior e outros com menor capacidade. O pensamento de esquerda, também fruto do materialismo, pensa assim: todos são iguais e, portanto, todos devem ter, mesmo que à força de um Estado que impõe e limita a liberdade de ganho de alguns, os mesmos ganhos iguais para todos, sem diferenças. O racialismo, que existe tanto na direita, quanto na esquerda (neste tem sido escamoteado nos últimos anos) considera que as diferenças humanas existem, mas se devem à cor da pele. O classismo, que existe no capitalismo e é o alvo do socialismo, considera que as diferenças humanas se devem à classe social à qual pertencem, e que isso sempre existiu e não tem como não existir, faz parte da dinâmica social. Todos estes pensamentos são frutos diretos do materialismo moderno, tanto o da esquerda, quanto o da direita.

A desigualdade humana existe porque, basicamente, na visão oculta há almas imaturas (ou jovens, ou atrasadas), almas mais ou menos e almas mais velhas (ou adiantadas). A diferença entre elas é o acúmulo de experiências e de aprendizado devido ao maior ou menor número de encarnações. As almas jovens encarnaram menos vezes, por opção delas (a possibilidade de não querer encarnar ou de querer encarnar existe do outro lado). E assim as almas jovens – que são a maioria da humanidade – não têm experiência em lidar de forma satisfatória com o egoísmo, com os impulsos mais

primários do Ego (os quais elas só encontram aqui embaixo, na vida terrena, como desafio). As almas velhas já encarnaram muitas vezes e por isto se tornaram mais aptas a lidar com estes impulsos e, por conseguinte, o Eu que elas são tem melhor domínio e presença em seu interior (tornam-se capazes de gestos de generosidade desinteressada, de civilidade espontânea, de compaixão e de senso ético incorruptível). As almas jovens são corruptíveis porque seu Ego ainda é dominante sobre o Eu. Então, enquanto houver distinção entre almas, o carma das diversas personalidades humanas será mais pesado para as almas jovens e mais leve para as almas velhas. Havendo diferenças cármicas, haverá diferenças de outros tipos, visíveis na vida social. A educação pode ajudar uma alma jovem a amadurecer, mas apenas a reencarnação faz este amadurecimento em grau considerável.

A confusão do materialismo é achar, em primeiro lugar, que todas as almas são iguais e então deveriam ter um padrão de vida material igual. Isso é impossível, quer pela dinâmica social humana aqui na terra, quer por estas razões cármicas. O nível de compreensão da existência das almas jovens é muito menor do que o das almas velhas. Não se trata de inteligência, mas de sabedoria de vida. Não se trata de classe social nem de quantidade de diplomas, mas de senso de realidade e coerência interior. Há almas jovens ricas e almas jovens pobres, almas velhas pobres e almas velhas ricas.

O que deveria ser igual para todas as almas? Os direitos e deveres sociais; a vida social feita de regras e de limites. A jurisprudência servirá para ver os agravantes e atenuantes de cada tipo de alma, mas as leis e direitos e deveres perante o coletivo serão os mesmos para cada personalidade humana. Quando há diferenças nas leis e regras, há injustiças.

Quando é que as diferenças devem ser livremente expressas, cada um podendo dizer e expressar o que é, o que pensa, o que sente, independentemente de ser um espírito evoluído ou uma alma criança cheia de ilusões e apegos? Esse é o campo da cultura, onde deve vigorar a Liberdade. Se uma alma acha que seu deus único, absoluto

e melhor que os demais deuses, ela deve ter esta liberdade, assim como de falar sua língua, cantar suas melodias e se vestir como quiser. Mas a liberdade – conforme a visão de pensadores como John Stuart Mill e Rudolf Steiner – é limitada pelas leis e normas do convívio, que se aplicam igualmente a todos. A minha liberdade de expressão é ampla, mas tem seu limite até o momento em que pode ferir ou prejudicar a liberdade de ser de outro indivíduo ou grupo. O jurídico limita a liberdade, na vida terrena. Assim é a vida entre os humanos.

E quanto às diferenças de classe, ricos e pobres? E quanto ao reconhecimento que há pessoas que têm mais do que precisam e pessoas que passam fome? Esse campo não é o da liberdade nem o das leis, mas o campo da economia, que deve ser sustentado pelo mais profundo senso de Fraternidade. Não se trata de uma questão política ou ideológica, nem direita e nem esquerda, pois a elas falta esta premissa – Fraternidade. A direita quer liberdade, a esquerda quer igualdade. A Fraternidade é um sentimento emanado pelas almas velhas, que deve ser ensinado às almas jovens. E assim a humanidade se torna fraterna, regida por aquilo que Rudolf Steiner chamou de Economia Associativa ou Economia Fraterna, que nem é capitalismo nem socialismo. Na economia fraterna, aquele que produz ouve aquele que pode pagar menos e facilita para ele, não pensando apenas nos lucros. Não há patrões nem empregados, apenas sócios, associados. Os produtores e os compradores dialogam, e o pobre tem chance de obter o que deseja ou precisa, porque será fraternalmente acolhido por aquele que produz. O rico pagará mais, livremente, para que outro mais pobre possa ter acesso. É Utopia? “Seja você o mundo melhor que anseia” (Gandhi). Já existem pessoas e associações trabalhando com esses princípios, e Bancos Éticos foram criados e já estão atuando no mercado. A fraternidade no lugar errado gera desequilíbrio, como ocorre no campo das leis (o juiz é “irmão” do réu e o inocente). A liberdade no campo das leis é a anarquia, o caos. A igualdade no campo da cultura (conforme a confusão efetivada em

ditaduras como as de direita ou de esquerda) gera uma uniformidade doentia, todos se vestem igual e se expressam igual. Essas são as doenças sociais vistas por Rudolf Steiner em sua ampliação do Ideal Trino dos maçons-iluminatti do século XVIII: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, ou Trimembração Social.

TRIMEMBRAÇÃO SOCIAL, uma proposta mais rica e plena em relação ao socialismo e ao neoliberalismo capitalista. Para além da direita, para além da esquerda.

O que todo ser humano deseja é viver bem, confortável, em paz, realizando seus desejos e seus projetos pessoais, em lugares limpos, e cercado de amigos. Os gregos chamavam isto de *Eudaimonia*, o bem viver. Mas para tal, nos tempos modernos, mais de uma ideia sobre como seria esta *Eudaimonia* foi proposta, uma liberal e outra socialista.

A divisão das mentes e dos corações (corpos astrais, no caso) em direita ou esquerda, ou em quaisquer outras polaridades, é uma constante na humanidade. Isso porque o Ego humano é em si dual, é da natureza do Ego pensar sempre que há um modo certo e há um modo errado, há um acima e há outro abaixo, há uma direita e há uma esquerda, há um positivo e há um negativo, há um bom e há um mau... O Ego é assim mesmo fisicamente, por isso o nosso cérebro egoico tem dois hemisférios, temos um lado direito e esquerdo, temos dois gêneros (masculino ou feminino), etc. Quando a humanidade então vive no estado de consciência do Ego (situação que já dura há milênios) é normal que existam as diversas dialéticas (divisão em duas opções). A própria lógica do pensamento egoico é dialética, a verdade e o erro. A nossa religião é dialética, tem um Deus bom e um Diabo.

Quando o Eu começa a insuflar dentro do Ego a sua sabedoria, uma das transformações que acontecem é que a dialética básica começa a ser superada. A

sabedoria é Transdialética, supera as dualidades. O Eu não é dual, é Total (Hólos, inteiro, não dividido) e por isso se diz que o Eu é Indivíduo (o que não se divide em dois). O Ego não é indivíduo, é persona (máscara).

Na vida política e social, era de se esperar que a dialética operasse criando cisões na alma refletidas em cisões ideológicas. Uns querem a Liberdade do Ego, a liberdade de ganhar dinheiro e de ter a sua vida particular e sua privacidade, suas conquistas econômicas – daí surge o Liberalismo, no século XVIII, proposto por Adam Smith, o teórico do capitalismo. Outros reagem a isso na posição oposta, não gostariam que a Liberdade fosse demais, gerando desigualdade. Propõem a igualdade econômica das pessoas, que todos vivam mais ou menos com as mesmas chances econômicas, mesmo que sacrifique a Liberdade. Essa turma prefere a Igualdade. O teórico dessa opção foi Karl Marx, que se contrapunha a Adam Smith. Toda a teoria marxista é uma resposta, uma dialética, em relação a Adam Smith e sua proposta de Liberdade. Como Marx postulava obter a igualdade, abolindo a Liberdade dos Egos? Por meio de uma revolução, armada, se fosse necessário. Para a Liberdade egoica não há necessidade de revolução, porque os Egos naturalmente querem ser egoisticamente livres. Para impor uma Igualdade seria necessária a força ou o convencimento. Das duas opções da Igualdade, força ou convencimento, surgiram na Rússia revolucionária dois movimentos: os bolcheviques (a força revolucionária, prisões e execuções) e o convencimento (os mencheviques, uma revolução silenciosa, tomando aos poucos a mídia, as universidades, mudando a cultura). No Brasil, a corrente menchevique (via ideias de Gramsci) tem sido ativa há décadas; em países como Cuba, Venezuela, China, Coreia do Norte, a corrente bolchevique foi ativa. Em países ocidentais, como Estados Unidos e os europeus, o Liberalismo de Adam Smith segue vitorioso. A partir do século XX, alguns pensadores começaram a sentir que tanto a Liberdade egoica estilo Adam Smith, quanto a ideia igualitária de Marx não funcionavam em

termos de qualidade de vida, economia, justiça social. Então começaram a surgir ideias de uma Terceira Via. Nem capitalismo liberal nem socialismo, mas o melhor de ambos, tirando o pior de ambos. Surgiu então a sócio-democracia, sendo um dos primeiros a pensar nisso um Papa, Leão XIII, e depois economistas como John Keynes e Anthony Giddens. Os países nórdicos adotaram John Keynes como norte e prosperaram, não são nem capitalistas nem socialistas.

Entretanto, há uma proposta de Terceira Via superior às anteriores, pois conta com a Liberdade inspirada pelo Eu, com a Igualdade Ética inspirada pelo Eu e com um elemento que nem Liberalismo nem Socialismo praticam: a Fraternidade. Tal proposta está muito próxima das ideias de Tolstói, na Rússia, e de Gandhi, na Índia, que a viveram na prática, mas sem teorizar muito. Steiner trouxe à baila novamente o velho axioma Rosacruz-Templário adotado pelos maçons, e que foi propalado na Revolução Francesa: liberdade, igualdade, fraternidade. A dialética do Ego escolheu a liberdade, e a igualdade, mas se esqueceu da Fraternidade. Esta é a Trimembração Social proposta por Rudolf Steiner por volta de 1918. Ele queria evitar guerras e uma polarização dialética que poderia causar desarmonia e conflitos na humanidade. A Trimembração Social ainda não foi possível em grande escala, mas é possível em pequena escala, em empresas, grupos, escolas, iniciativas, ONGs... Steiner então viu que na macro-sociedade, a Trimembração não teria chance, as pessoas não estavam maduras espiritualmente para entendê-la ou praticá-la. Haveria necessidade de se criar previamente uma cultura da Trimembração Social. E ele então criou as Escolas Waldorf, onde os professores viveriam e respirariam a atmosfera fraterna, livre e igualitária, e assim as crianças e os jovens seriam os futuros cidadãos educados para entender e praticar naturalmente a proposta. Por isso, há algumas pessoas hoje que compreendem, praticam e vivem conforme esta proposta, na contramão dos modelos arcaicos e ultrapassados que servem ao Ego materialista: o capitalismo e o socialismo.

Um dia, no futuro, quem sabe, as sociedades humanas mais harmoniosas serão trimembradas: Liberdade na cultura e na expressão, na espiritualidade e no modo de ser; Igualdade nas leis e no contrato social, ninguém tem mais direitos ou mais deveres do que outro; Fraternidade na economia (que é o ponto onde batem capitalismo e socialismo): quem tem mais, voluntariamente (e não por força de um regime) dispõe a compartilhar com aqueles que têm menos.

Muitas almas há que anseiam pela *Eudaimonia* perfeita escolhendo o capitalismo, e outras são iludidas pelo igualitarismo da esquerda... mas, inconscientemente, quando o ser humano é sadio, ele anseia pela *Eudaimonia*. E esta só pode ser obtida na Terra não pela dialética, muito menos pela monolítica, mas pela trimembração, pois é aqui que o Espírito humano se expressa e se realiza na Terra.

A FRATERNIDADE, O TERCEIRO ELEMENTO DA TRIMEMBRANÇA SOCIAL, NA VISÃO OCULTA

Na época da Revolução Francesa, as confrarias ocultas europeias divulgaram o ideal trino que se tornou lema dos revolucionários franceses que, de início, queriam um mundo novo mais justo: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Mas a civilização ocidental moderna não soube trazer para a vida prática-social-política o ternário, que foi cindido em duas metades, já no século XVIII: a Liberdade do Ego veio a criar o capitalismo neoliberal, de um lado, e o Igualitarismo dos Egos veio a criar a doutrina econômica de Marx, o socialismo (equalizar as classes sociais). A Fraternidade, o terceiro elemento do ternário, foi relegada ao plano da “religião burguesa”, como escreveu um jornalista marxista. Como observou o Papa Leão XIII, nos anos 1920, nem capitalismo nem socialismo se fundamentou na Fraternidade, pois são propostas de regulação econômica dos Egos, de fora para dentro, em sociedade, uma concedendo a estes a liberdade para “vencer na vida” e a outra propondo um Estado regulador e assistencialista que acaba limitando a liberdade do Ego.

Há quem imagine que as propostas econômicas de Marx e Engels e os desdobramentos da Revolução Russa (de certa forma uma reedição da Revolução Francesa), ou as sociais-democracias recentes, sejam a fonte mágica onde estaria a Fraternidade social imposta por um Estado. Mas não é. A Fraternidade tem algo espontâneo e superior em nível de consciência em relação à Liberdade e em relação à Igualdade. Ela não pode ser um programa ideológico-partidário: é um sentimento espontâneo. A Fraternidade é o ápice de um triângulo, está acima, onde Liberdade e Igualdade são os vértices embaixo. Não é no Socialismo que encontramos uma proposta de Fraternidade, e muito menos no Capitalismo (Quem ama não fica rico, teria escrito Marx). A Fraternidade é uma evolução da consciência do Eu dentro do Ego, a partir do Coração. Não pode ser um programa econômico-político imposto aos cidadãos como

uma lei. A Liberdade e a Igualdade são movimentos a partir do Ego que se reconhece no social. Conforme Rudolf Steiner, o ocultista, Liberdade tem a ver com a livre expressão do Ego em sociedade, a cultura livre, a arte livre, a liberdade religiosa e de ir e vir dos Egos – também não pode ser imposta, mas pode ser cerceada. A Igualdade tem a ver com as regras dos Egos em sociedade, direitos e deveres iguais, independente de aparência, classe social, gênero ou etnia – pode ser imposta, mas também reconhecida pelos Egos. Mas a Fraternidade, que rege as relações econômicas, não é algo que parte simplesmente de uma imposição do coletivo ao Ego em sociedade. A Fraternidade brota de uma ação mais profunda e inspiradora do Eu Divino humano dentro de cada Ego, mais do que a Liberdade e mais do que o senso de Igualdade perante o contrato social. Uma pessoa ou é Fraterna ou não é, por uma evolução espiritual pregressa. Existe a possibilidade de uma educação para a Fraternidade, junto com a Liberdade e a Igualdade. Mas há almas naturalmente fraternas, mais do que outras.

O ser humano na Terra tem um anseio oculto por encontrar outros seres fraternos. Pois cada ser humano tem implantado em seu Ego a sua essência espiritual divina, que é naturalmente fraterna. O mínimo social fraterno deveria ser a família. O ser humano fraterno pode chegar a sentir a humanidade inteira como sua família, e mais, todos os seres sencientes (aí temos uma aproximação deste sentimento com a esfera espiritual presente em correntes esotéricas no hinduísmo, no budismo e no cristianismo gnóstico primitivo). Os Eus superiores humanos vêm do plano celestial, onde há uma atmosfera de Fraternidade, de Empatia – a felicidade de um é a felicidade de todos; a dor de um é a dor de todos. Isto é o céu. Na Terra, os Eus se revestem de Egos corpóreos e adquirem um estado de consciência de separação, a unidade dos Eus se obscurece na Terra. Aqui, cada Ego se percebe separado de outro Ego e de outros seres. A agressividade, a falta de empatia, a falta de compaixão, a competitividade é o estado de ser do Ego. Não é o socialismo que soluciona a falta de compaixão.

Homens fraternos, com Leon Tolstói e Gandhi pretendiam tornar a Terra um Céu Fraterno, superando a ganância capitalista, de um lado, e o coletivismo socialista imposto, de outro. É também a proposta de Trimembração Social de Steiner. Muitas pessoas que se entendem de esquerda procuram em Marx e nos caminhos ideológicos partidários uma expressão de compaixão humana, de solidariedade, que não pode ser um programa político-econômico. Não é aí que está. Há um equívoco. Muitos que se dizem: sou de esquerda, na verdade, inconscientemente estariam dizendo anseio por um mundo fraterno. Mas não está nos comitês partidários a fonte de onde jorra a Fraternidade. Só no coração, no cerne do ser humano. E isto independe de ele ser de esquerda ou de direita. Nada tem a ver com partidos ou ideologias. O capitalismo é o fluxo natural dos Egos na terra, competitivos, centrados em si mesmos e indiferentes ao outro. É até possível um capitalismo fraterno, quando ele evolui – era a proposta do economista John Keynes. Mas não é o socialismo igualitarista (e tão materialista quanto o capitalismo) que faz nascer na Terra a compaixão, a Fraternidade. Somente é possível com a Evolução.

Darwin ficou conhecido pela sua visão evolucionista que funcionaria a partir da força do mais apto. É um argumento que fundamentaria o capitalismo – o Ego mais apto vence economicamente e o menos apto perde, fica pobre. Mas existe outra linha de pensamento em Darwin, num livro publicado por ele em 1871: *A origem do homem e a seleção sexual*² no qual ele descreve que também a compaixão e a empatia foram fatores evolucionários não só entre seres humanos, mas até em animais. Darwin descreve como na vida selvagem pode ser observado que alguns animais ajudam outros em dificuldades, às vezes mesmo de espécies diferentes. Ele observa que pode haver no ser humano – não em todos – um instinto de compaixão e de cooperação que ajudou a evolução.

² Darwin, Charles. *Origem do homem e a seleção sexual*, A. Itatiaia, MG, 2004 (original inglês publicado em 1871).

Pena que faltou em Darwin uma visão oculta. As almas grupais dos animais têm uma sabedoria que permite que em certas situações um animal expresse compaixão por outro; não é somente a relação de predador e presa que rege a vida animal. Uma alma grupo é um ser espiritual bastante elevado, mais que um Ego humano. Os animais têm uma relação espiritual entre eles, por conta disso. No ser humano é também esse cerne espiritual que todos carregamos – e em alguns, mais expressivo do que em outros, nas ditas “almas velhas” – que nos permite sentir empatia aqui na Terra (empatia é quando o Eu faz o coração humano sentir em si a alegria do outro ser ou a dor do outro ser). É dessa presença divina dentro do Ego humano, ao longo de gerações e gerações de seres humanos (presença esta que vai aumentando com a evolução humana individual e coletiva) que determina a Compaixão. Nenhum programa partidário pode criar isto, que transcende a política banal e as teorias econômicas de direita ou de esquerda. A base superior da Trimembração Social é a Fraternidade, complementada pela Liberdade espiritual do Ego insuflado pelo Eu e pelo senso ético de igualdade entre os Egos cidadãos. A Fraternidade conduzirá o ser humano a uma percepção que os alquimistas chamavam de *Unus Mundus*: de que há uma conexão e uma Unidade espiritual que rege o Universo, por trás das diferenças. Somos todos Um.

